

SIMONI LAHUD GUEDES: NOTAS SOBRE A “MATRIARCA” DA ANTROPOLOGIA DOS ESPORTES NO BRASIL

SIMONI LAHUD GUEDES: NOTES ON THE BRAZIL’S SPORTS ANTHROPOLOGY “MATRIARCH”

Leonardo Turchi Pacheco¹
Mariane da Silva Pisani²

RESUMO

O artigo aqui apresentado tem por objetivo prestar uma homenagem à professora Simoni Lahud Guedes. O mesmo foi escrito por dois dos seus muitos “filhos e filhas acadêmicas”. Enquanto precursora dos estudos das práticas esportivas, Simoni é referencial imprescindível para todos e todas que desejam aprofundar-se na temática a partir de uma perspectiva da Antropologia Social. Contudo, cabe ressaltar, que Simoni não deve ser lembrada apenas enquanto antropóloga, pesquisadora ou orientadora. Ela também foi mulher, mãe e, sobretudo, amiga para todos e todas que tiveram a alegria e oportunidade de congregação e celebrar sua presença e sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Simoni Lahud Guedes, Esportes, Antropologia social.

ABSTRACT

This paper aims to pay a tribute to Professor Simoni Lahud Guedes. This paper was written by two of her many “academic’s sons and daughters”. Professor Simoni Lahud Guedes, as study of sports practices precursor, is an essential reference for everyone who wants to deepen into the theme from Social Anthropology perspective. However, it should be noted that Professor Simoni should not be remembered only as an anthropologist, researcher or advisor. She was also a woman, mother and, above all, a friend to everyone who had the joy and opportunity to congregate and celebrate her presence and her life.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente atua como professor de Antropologia na Universidade Federal de Alfenas – MG. Desenvolve pesquisa nas áreas de Estudos de Gênero; Antropologia do Esporte; Cultura, Identidade e Sociabilidade. E-mail: leonardoturchi@gmail.com.

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente atua como professora de Antropologia Social na Universidade Federal do Tocantins - TO. Desenvolve pesquisa nas áreas de Antropologia do Esporte, Antropologia Audiovisual, Antropologia Urbana, Estudos de Gênero e Educação de Sociologia. E-mail: mariane.pisani@gmail.com.

KEY WORDS: Simoni Lahud Guedes, Sports, Social anthropology.

INTRODUÇÃO: NOTAS PESSOAIS

Esse texto é uma homenagem à grande mestra Simoni Lahud Guedes e foi escrito por dois dos seus muitos “filhos e filhas acadêmicas” (ROJO, 2019, p. 283). Cabe dizer, logo de partida, que as relações afetivas que o autor e a autora possuem com a professora Simoni são marcadas por uma proximidade de leitura de suas obras, por encontros em congressos de Antropologia Social pelo Brasil e América Latina e pelo convívio pessoal em momentos extra-acadêmicos.

Infelizmente não convivemos cotidianamente com Simoni. E aqui fazemos a *mea culpa*: não fomos ousados o suficiente para sermos seus alunos ou mesmo orientandos (seja de mestrado, doutorado ou pós-doutorado). Contudo, mesmo que fisicamente longe, fomos profundamente influenciados – ao longo de nossas trajetórias acadêmicas e profissionais – por suas ideias inovadoras e inspiradoras, bem como por sua presença sempre constante. A cada texto, livro, artigo lidos e/ou mesmos reflexões pessoais postadas em sua rede social, a influência exercida por Simoni Lahud Guedes tornava-se, pouco a pouco, em grande admiração.

Para além de brilhante acadêmica e antropóloga, Simoni foi mulher aguerrida e pioneira, ela esteve à frente de seu tempo. Tanto a influência intelectual quanto a admiração pela mulher que Simoni foi, se refletem em nossas escolhas como Antropólogo e Antropóloga que atuam nos estudos das práticas esportivas e de lazer, nas suas mais diversas intersecções. É desse lugar que congrega proximidades pontuais e distâncias cotidianas que falamos.

PROFESSORA SIMINI LAHUD GUEDES: SUA MACA INDELÉVEL EM NOSSAS VIDAS

Como previamente mencionado, para além das leituras de seus trabalhos e artigos acadêmicos, tivemos o privilégio de compartilhar da presença de Simoni em

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 12

congressos, seminários e simpósios ao longo de nossas trajetórias acadêmicas. Cabe aqui dizer que Simoni foi mulher pioneira – em parceria com seu colega de longa data, professor Pablo Alabarces - ao inaugurar nas Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM) e também nas Reuniões de Antropologia Brasileira (RBA), um espaço específico para discussão sobre Antropologia e Esportes. Sempre acolhedora e bastante afiada, foram nesses espaços que a conhecemos, ambos, pessoalmente.

Nesses momentos de troca e apresentação de trabalhos e pesquisas em andamento, é impossível não lembrarmos dos comentários extremamente afiados e provocativos que professora Simoni nos colocava. Ela tinha a habilidade, mais do que especial, de deixar os apresentadores em posição de pânico e pavor. Sempre nos pegávamos pensando: “o que será que essa mulher vai apontar de falha no meu trabalho desta vez?”. Cabe dizer que essa característica de Simoni revelava sua vasta experiência no campo da Antropologia dos Esportes, bem como o seu desejo de nos ver seguros e “apropriados” de nossas pesquisas. Simoni era, nesses momentos, como uma mãe: por um lado firme e incisiva, e por outro, extremamente acolhedora e generosa.

Ao lembrar-se desses momentos, Leonardo nos conta que em dois deles “perdeu o chão” e teve que reavaliar suas perspectivas teóricas e metodológicas para continuar desenvolvendo suas pesquisas. O primeiro momento aconteceu logo após o início do Doutorado em História no ano de 2004, durante o congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) na cidade de Caxambu-MG. Nesse evento Leonardo apresentou um texto sobre Copa do Mundo de 1966 e as narrativas sobre envelhecimento na derrota da Seleção Brasileira. No momento das perguntas e comentários da plateia, a professora Simoni desconstruiu totalmente o objeto de pesquisa do trabalho ao ponto de Leonardo duvidar sobre a possibilidade de realizar a tese. Pura bobagem! No final das contas o que a professora intentava era fazê-lo pensar o envelhecimento enquanto categoria de acusação, nos moldes do Antropólogo Gilberto Velho. Ou seja, uma categoria de análise ligada às performances nas derrotas. Muito mais do que somente uma categoria etária.

Em outro momento, agora na Reunião Brasileira de Antropologia realizada na cidade de Natal-RN, no ano de 2014, Leonardo tomou outra “chacoalhada”. Dessa vez

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 13

uma “chacoalhada metodológica”. A tese já havia sido defendida e o objeto não era mais o envelhecimento e nem o futebol, mas a masculinidade no voleibol. A desestabilização não foi apenas teórica, mas também um “puxão de orelha” metodológico. Leonardo ficou a apresentação afirmando que havia realizado uma observação participante. O que Simoni entendeu como uma “redução do que é observação participante” e completou: “você fez observação direta, mas não participante!”.

Já Mariane relembra a primeira vez que encontrou a professora Simoni Lahud Guedes. O ano era 2010, e Mariane participava de um congresso científico, pela primeira vez, aos 20 anos de idade. Naquela época, ainda era aluna de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, e apresentava na 27ª Reunião de Brasileira de Antropologia, suas primeiras reflexões sobre futebol e migrações. Nervosa diante de pessoas tão importantes, lembra-se que não conseguia ocupar todo o tempo destinado para a apresentação do seu trabalho. Professora Simoni, que tudo ouvia atentamente, logo após a apresentação, colocou de maneira extremamente calorosa algumas perguntas para que Mariane pudesse, então, desenvolver um pouco mais a explanação e concluí-la de maneira adequada. Esse foi apenas um dos muitos atos de extrema generosidade e empatia que a professora Simoni destinava à jovem antropóloga em formação que ensaiava ali seus primeiros passos acadêmicos.

Esses “causos” além de apontar para o rigor teórico e metodológico característicos da antropóloga Simoni, revelam também seu lado generoso, acolhedor, incentivador e, de uma forma muito particular, extremamente carinhoso. Aliás, o carinho de Simoni extrapolava o ambiente acadêmico e entrava na dimensão da vida privada. Mariane se lembra que às vésperas de seu casamento Simoni compartilhou com ela, via redes sociais, uma foto do seu dia de noiva. Em foto preto e branco, lá estava ela, a jovem Simoni Lahud, toda trajando um belíssimo vestido de rendas. Seu olhar – desde sempre – altivo e desafiador. Ela contou que no dia de seu casamento recusou-se, veementemente, a utilizar um tradicional véu de noiva. Ante os apelos insistentes e chorosos de sua mãe, para que a mesma perfizesse o rito da maneira mais tradicional,

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 14

Simoni passou a mão na toalha de mesa rendada que estava próxima e colocou sob os cabelos dizendo: “É véu que a senhora quer?! Então pronto, mãe!”.

Sabemos que o casamento é uma instituição bastante controversa para as mulheres. Mas como antropólogos e antropólogas que somos, sabemos também que esse rito marca passagens e mudanças cruciais para muitas de nós, pesquisadores. As palavras trocadas com Simoni naquele dia, para além da foto enviada, são joias preciosas que demonstram que Simoni não foi apenas antropóloga, pesquisadora ou orientadora, Simoni foi mulher, foi mãe e foi, sobretudo, amiga imprescindível.

Aliás, Simoni sabia muito bem do seu papel e da sua importância enquanto mulher pioneira e precursora dos estudos das práticas esportivas. Um dos últimos prefácios que escreveu – ainda em fase editorial - está no livro “As mulheres no Universo do futebol brasileiro”. Nele ela nos brinda com uma preciosa reflexão sobre sua trajetória:

O futebol transformou-se em objeto de reflexão e pesquisa para mim desde que iniciei meu curso de mestrado no Museu Nacional, em 1972. Muito cedo comecei a me dar conta de alguns dos percalços pelas quais passa uma mulher para realizar pesquisas sobre futebol no Brasil, quando me propus a realizar uma pequena experiência de campo para um trabalho na disciplina de Antropologia Urbana, ministrada por Gilberto Velho. Minha proposta de trabalho incluía a observação *in loco* de alguns jogos de pelada numa área em Niterói, onde resido, que envolvia jovens e adultos. Tentei entrar no local. Contudo, quando me aproximei, o jogo parou e os jogadores ficaram me olhando insistentemente, até que um deles se aproximou e disse que era “perigoso” para mim ficar ali pois poderia “levar uma bolada” ou “ser machucada” por um dos jogadores em corrida (...). Eu estava literalmente “fora do lugar”. Entendi o recado, pedi desculpas e passei a observar o jogo à distância, de uma janela. Depois do jogo, aproximei-me novamente e consegui marcar algumas entrevistas com alguns dos peladeiros. Contudo, todas as entrevistas ocorreram fora do espaço do jogo, do qual nunca deixaram que me aproximasse. Por outro lado, desde este momento, eu percebi que eles me explicavam, cuidadosamente, cada um dos aspectos do seu jogo/brinquedo, supondo meu total desconhecimento. Eu podia fazer perguntas que, certamente, não poderiam ser feitas por um homem. Neste sentido, descobri uma interessante vantagem de ser uma mulher realizando pesquisa sobre futebol: se o espaço me era interdito, poucas questões me eram proibidas. (...)

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 15

Uma experiência posterior remete a outra dimensão da interdição. Fui convidada a dar uma palestra sobre os significados do futebol no Brasil, em um evento na cidade de Curitiba. Estava procurando a sala designada para a palestra e procurei a programação, que estava exposta em um quadro. Havia dois rapazes também consultando o quadro. Quando viram o meu nome e o tema comentaram: “o que uma mulher pode saber de futebol?” Este episódio deixa bem claro que as mulheres não podem ter o discurso autorizado sobre o futebol no Brasil. Falar sobre futebol com propriedade seria uma prerrogativa masculina pois, em princípio, na concepção mais difundida por aqui, trata-se de um saber que decorre de uma prática, até muito recentemente interditada às mulheres. ” (GUEDES, no prelo).

Já Leonardo lembra que - depois do golpe político ocorrido no ano de 2016 que destituiu a presidenta democraticamente eleita Dilma Vana Russeff - conversava constantemente com Simoni por *Messenger*. Eles trocavam mensagens sobre a conjuntura política e a perseguição que os servidores públicos da educação estavam, e ainda estão sofrendo. Ela estava muito preocupada e triste com a situação, Leonardo estava desesperado e procurando respostas de como reagir aos ataques do Estado Brasileiro aos educadores. Na cabeça dele, ela teria as repostas que ele não conseguia encontrar.

Em julho de 2018, foi a última vez em que Mariane viu Simoni pessoalmente. Mariane lembra-se que a mesma chegou a convidá-la para que, em uma próxima visita à cidade de Niterói, fossem ambas tomar um café em sua casa. Assim elas poderiam conversar não apenas sobre questões intelectuais, mas sobre a vida, sobre ser mulher e atuar em um espaço marcado e ocupado majoritariamente por homens. Infelizmente, este café nunca pôde se concretizar.

Após essas notas pessoais, na sequência dessa homenagem, gostaríamos de registrar alguns dos temas trabalhados por Simoni Lahud Guedes ao longo de sua trajetória acadêmica e que nos influenciaram. Cabe ressaltar também que esses temas delimitaram – e continuam delimitando - várias discussões da Antropologia dos Esportes no Brasil. Na conclusão deste artigo outras notas pessoais serão retomadas.

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 16

MATRIARCA DA ANTROPOLOGIA DOS ESPORTES E ALÉM

Em um artigo recente Rojo (2019) registra a influência de Simoni na constituição, institucionalização e internacionalização da Antropologia dos Esportes. Em sua perspectiva, a trajetória de Simoni Lahud Guedes é sublinhada pelas características de inovação, construção e coesão coletiva, ampliação de fronteiras acadêmicas e de uma preocupação com a metodologia comparada para compreender os fenômenos esportivos. Essas características fazem dela a “matriarca” (ROJO, 2019, p.285) da Antropologia dos Esportes no Brasil e além.

No olhar de Rojo (2019), Simoni é inovadora nesse campo de pesquisa, uma vez que jogou luz sobre um objeto que não era considerado relevante nas Ciências Sociais brasileiras, tornando-o assim relevante para compreender a realidade social vivida no país. “O futebol brasileiro como instituição zero”, título de sua dissertação de mestrado, defendida no ano de 1977 no Museu Nacional (RJ), foi fundamental para a criação e elaboração de um novo campo de pesquisa na Antropologia Social brasileira. O fato de ser mulher e ter sido a precursora dos estudos de futebol no Brasil, não passa despercebido por Rojo (2019), nem por nenhum de nós, seus herdeiros.

Além disso, até muito recentemente, essa era uma temática de pesquisa, bem como uma prática esportiva, de reserva masculina (DUNNING, 2014). Ou seja, pensada, estudada e praticada por homens. É muito significativo e desafiador que uma mulher seja a ponta de lança e principal influência dos estudos nesse campo. E essa mulher, não poderia ser ninguém menos do que Simoni Lahud Guedes.

Já no ano de 1982, em uma coletânea clássica organizada por Roberto DaMatta e que tem por título “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”, Simoni foi autora do artigo intitulado “Subúrbio: celeiro de craques”. Este, por sua vez, é uma amalgama entre antropologia urbana e antropologia dos esportes que antecipa uma série de temas, ideias e discussões que aparecerão em trabalhos posteriores. Cabe aqui, portanto, ressaltar algumas das principais temáticas desenvolvidas pela professora Simoni Lahud Guedes ao longo do tempo: a construção dos corpos entre a classe trabalhadora e a sociabilidade masculina (GUEDES, 1997); a questão da identidade

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 17

social e identidade nacional através da análise das Copas do Mundo de futebol masculino; os estilos de vida e estilos de jogos (GUEDES, 1997, 1998, 2006a, 2009); as trajetórias de jogadores e jogadores como mercadoria (GUEDES, 1998, 2006b, 2009); a dimensão política e sua relação com o esporte (GUEDES, 2013; GUEDES; DA SILVA, 2019).

Muitos desses temas atravessam e estão presentes nas pesquisas dos autores deste artigo. Gostaríamos, contudo de discorrer aqui com maior detalhamento sobre as relações possíveis entre a dimensão política e o futebol.

Quando tratava de futebol e sua dimensão política, Simoni sempre procurou afastar a ideia de que esse esporte fosse algo alienante – “um ópio do povo” – como outros cientistas sociais brasileiros equivocadamente o analisavam. Ao contrário, o futebol, e especialmente os momentos de quadriênais de Copa do Mundo, era compreendido pela professora como um idioma de totalidade e de pertencimento à nação. A Copa do Mundo era pensada tal qual um ritual cívico que congregava “o povo” brasileiro apesar de suas heterogeneidades e diferenças.

Mas não somente isso. O futebol e o desempenho da Seleção Nacional eram considerados em suas análises como um veículo de produção e reprodução de discursos sobre a nação e sobre “o povo” brasileiro – o futebol lido como uma “zona livre” com potencial de múltiplas significações. E nesse sentido, um discurso político bastante relevante, capaz de abordar, por exemplo, temas como civilização e racismo através das derrotas (GUEDES, 1998; GUEDES, 2006) e de reforçar estilos de vida populares como caráter de resistência, como por exemplo a conduta do jogador Romário após a vitória na Copa de 1994 (GUEDES, 1998)³. Ou ainda apontar a agência de resistência entre o local e o global, a pátria e o mercado (pelo menos simbolicamente), como foi o

³ Romário jogava futevôlei na praia e peladas na favela em que nasceu. Continuou fazendo essas mesmas coisas mesmo depois do título mundial e das ameaças dos dirigentes dos clubes em que jogava. “Por não abandonar suas origens e sua família”, por confrontar, através do hedonismo, a lógica do mercado do futebol disciplinador e ainda por conquistar os principais títulos do mundo esportivo, o jogador teve associada à sua imagem os rótulos de herói e rebelde. São essas características que associam Romário ao estilo de vida popular – homem de família, que não abandona suas origens humildes depois do sucesso – e de resistência ao mercado disciplinador do futebol – jogava futevôlei, peladas na favela, bebia cerveja, gostava de samba e carnaval, não era afeito a concentrações e afrontava a hierarquia de técnicos e dirigentes.

caso analisado através do episódio de Cafu ao levantar a taça do Mundo em 2002 com a camisa verde amarela toscamente escrita com tinta preta: “Jardim Irene”.

Assim, Simoni se propôs a compreender as manifestações das jornadas de julho de 2013, durante a Copa das Confederações, evidenciando, mais uma vez, como futebol e política são fenômenos associados e que suas análises vão muito além das do “ópio do povo”. Apesar da multiplicidade de demandas e do povo na rua, com camisas verde-amarelas, a professora, a princípio, observou a mesma totalidade que unia o “povo” brasileiro em sua pertença em momentos de Copa do Mundo. Essa comunidade imaginada que congrega todos e todas em torno de símbolos nacionais: “A traves de y en torno del fútbol, brasileños muy diversificados y diferenciados se descubrieron, una vez más, como un ‘pueblo’ y salieron a la calle. La comunidad imaginada se realizó en las calles por un tiempo breve pero significativo, reunida contra los desmanes políticos y las imposiciones del mercado” (GUEDES, 2013, p. 99).

Nem ela e nem ninguém previu que cinco anos mais tarde aquelas manifestações se desenvolveriam em um governo neofascista e que os símbolos nacionais seriam usurpados por uma corja de extrema direita que atacaria incessantemente os direitos básicos e constitucionais de todos os brasileiros.

Ela não previu a usurpação dos símbolos nacionais, mas em 2019 realizou a análise, em parceria com Edilson Da Silva, dessa usurpação em um texto intitulado “O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais”.

Ora, o argumento seguia a compreensão da disputa dos símbolos pátrios (bandeira/hino) e das cores verde-amarelo por uma parcela de cidadãos brasileiros ditos de “bem” contra os outros que eram estigmatizados como “comunistas”, “vermelhos” e “petistas” – sinônimo de baderna, corruptos, homossexuais, feministas, entre outros. O fato é que os símbolos pátrios se transformaram em elementos de “estratégia de legitimação dos posicionamentos políticos-ideológicos e morais adotados por uma parcela do eleitorado” (GUEDES; DA SILVA, 2019, p. 2).

Esse seria o segundo sequestro do verde e amarelo. O primeiro foi realizado na ditadura militar de 1964 e é marcado por uma indefinição de pertencimento e por uma ambiguidade típica de momentos totalitários. A indefinição de pertencimento dos

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

símbolos se dava porque por um lado, os militares afirmavam que o hino, a bandeira e as cores verde e amarelo pertenciam a todo o povo brasileiro. Este tinha o dever de defender os símbolos pátrios e lutar pelo país contra inimigos externos e internos da nação. Por outro lado, esses símbolos pátrios eram envoltos por leis e decretos que impediam seu livre uso pelo povo. Eram os militares que definiam quando, onde, em quais ocasiões esses símbolos poderiam ser utilizados. Configura-se assim a ambiguidade: os símbolos deveriam ser usados e defendidos pelo povo brasileiro, desde que permitido pelos militares. Assim, o hino, a bandeira e as cores verde e amarelo, ao mesmo tempo pertenciam no discurso, mas não pertenciam na prática, ao povo brasileiro.

O resgate do hino, da bandeira e das cores verde-amarelo, no entendimento de Guedes e Da Silva (2019) se deu durante a Copa do Mundo de 1970. Foi o triunfo do tricampeonato mundial que permitiu aos brasileiros a retomada desses símbolos como seus. Certamente, a ditadura militar com seu poder de propaganda utilizou-se da conquista para fazer dela uma metonímia do governo dos generais. Mas o verde e amarelo, através da camisa da seleção brasileira, serviu como contra resistência de um governo ditatorial em início de declínio. Verde e amarelo também utilizado na campanha das diretas já.

O segundo sequestro, esse que estamos agora vivenciando, e que faz do verde e amarelo um símbolo do fascismo à brasileira – do “cidadão de bem”, do moralista sem moral, do conservador e ressentido, do violento e obtuso, do politicamente incorreto – ainda não foi recuperado. Não sabemos quando será. Mas concordamos com Simoni e Edilson que esses símbolos nacionais pertencem a toda a nação e não somente a uma parte dela.

Além de inovadora, uma outra característica apontada por Luiz Fernando Rojo sobre Simoni é a sua propensão de construção de trabalho coletivo:

Simoni Guedes era entusiasta do empreendimento coletivo, da construção de estruturas que fossem capazes de superar os limites da ação de um único indivíduo, era alguém consciente de que seu legado teria que ser capaz de frutificar para além da sua própria ação individual (ROJO, 2019, p. 278).

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 20

Para se ter uma ideia dessa coletividade a etnografia que resultou no livro “Jogo de corpo: um estudo de construção social dos trabalhadores” de 1997, foi realizada a oito mãos. Esse trabalho de observação em grupo possibilitou não somente várias perspectivas do mesmo evento observado, como também a ampliação do escopo da pesquisa. Em São Gonçalo, local da pesquisa, havia espaços de monopólio dos homens – como os bares, botequins e campos de futebol – os quais a pesquisadora encontrou dificuldades para se inserir, permanecer e realizar observações. A ela ficou a sensação de que a sua presença fazia com que os interlocutores encenassem as interações. Havia uma tensão e uma artificialidade nessas interações. Algo que não acontecia quando seus alunos e colaboradores (por serem homens e moradores de São Gonçalo) estavam presentes e realizando observações. Nesse sentido, a perspectiva destes se somou à dela para construir uma representação mais acurada da realidade social daquela localidade.

A opção pelo trabalho coletivo faz Simoni ampliar o escopo de temas abordados na Antropologia do Esporte para além do futebol espetáculo, jogado em campo e culmina na ampliação de fronteiras da área.

A ampliação do escopo para além do futebol jogado em campo é o elogio que ela realiza na resenha do livro de Luiz Henrique de Toledo intitulado “Lógicas no futebol” (GUEDES, 2003). Além de elogiar a discussão de estilos de jogo como forma-representação, Simoni enaltece a proposta de Toledo em compreender diversas práticas geradas pelo futebol profissional nas produções de jogadores, torcedores, treinadores e jornalistas esportivos em espaços variados como os treinos, os bares, os cursos de treinadores e de jornalistas, as mesas redondas, as cabines de transmissão de jogos, as redações, entre outros. Todas essas produções de atores e os espaços designados para tal prática e socialização contribuem para revelar as produções simbólicas do futebol em múltiplas dimensões. A fecundidade da proposta, segundo Simoni, tem o mérito de apontar para novas direções de estudos, como por exemplo a relação entre política e futebol através da atuação dos dirigentes esportivos.

A ampliação da fronteira da área possibilitou o diálogo com pesquisadores e pesquisadoras da Argentina e a formação de uma “antropologia sul-sul” (Rojo, 2019).

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 21

Diálogo que como afirma Pablo Alabarces foi inventado por Simoni quando começou a pensar a comparação entre estilos de jogo e identidades nacionais (GUEDES, 2006b).

Certamente esse diálogo deve ter sido concebido através da análise de “*Masculinities, Football, Polo and the Tango in Argentina*” de Eduardo Archetti, livro que foi resenhado na revista *Mana* em 2000. Nessa resenha a autora se encanta com a possibilidade de pensar o futebol como uma “zona livre” e indica a necessidade de comparação das narrativas sobre estilos de jogo e construção da identidade nacional entre Argentinos e Brasileiros.

No caso do futebol, as narrativas paradigmáticas centram-se claramente nos desempenhos, por meio dos quais se debatem *arte e disciplina, elegância e força, improvisação e tática*, o predomínio do desejo da vitória, ou a alegria de fazer e ver o *jogo bonito*, as categorias em oposição que metaforicamente, expõem a ambiguidade da atuação dos atores híbridos. Nesse caso, não se pode deixar de registrar, mesmo *en passant*, que estes são dilemas por demais conhecidos dos antropólogos que estudam o futebol brasileiro, reforçando a necessidade de comparações sistemáticas (GUEDES, 2000, p.178)

A metodologia comparativa rigorosa era não somente uma postura indicada como essencial pela autora, mas uma necessidade imprescindível, para a ampliação dos estudos da Antropologia dos Esportes. É nesse sentido que a resenha realizada por Simoni (GUEDES, 2008), do seminal livro, para o campo da Antropologia dos Esportes, de Arlei Sander Damo intitulado “Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França” recebe elogios contundentes. O destaque no ponto de vista metodológico pela importância da dimensão comparativa da formação de jogadores no Brasil e na França abre a resenha que se desenvolve na sugestão de que essa comparação de formação e produção de “pés de obras” poderia ser ampliada para jogadores de outros países, como a Argentina.

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

Página 22

CONCLUSÃO: NOTAS PESSOAIS REVISITADAS

Como enfatizou Rojo (2019), Simoni era construtora. É por causa dela, que temos hoje amigos e amigas estimados/as no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Piauí, em São Paulo, na Argentina, na França, no Rio Grande do Sul e em muitos outros lugares. Esse é um pouco, ou melhor, uma amostra geográfica, do alcance e do fenômeno que foi Simoni Lahud Guedes. Ela foi, e que não restem dúvidas, a inovadora, a pioneira e a matriarca de todos/as nós que escolhemos estudar práticas esportivas e de lazer no contexto brasileiro. Talvez à época, em outubro de 1977, ela não dimensionasse a importância fundamental da sua dissertação – O Futebol Brasileiro: Instituição Zero – que fora defendida no Museu Nacional, para a criação e a elaboração de um novo campo de pesquisa na Antropologia Social brasileira. Mas hoje, sabemos que Simoni deu o pontapé inicial! Ela abriu portas e criou espaços para todas e todos nós - pesquisadoras e pesquisadores - que viemos depois dela.

Simoni inspirou, inspira, e continuará inspirando esta jovem antropóloga e este não tão jovem antropólogo, autores dessa singela homenagem, assim como tantas outras e tantos outros que seguem seus passos. Ela deixa, sem sombra de dúvidas, um legado importantíssimo para as Ciências Sociais e em especial para a Antropologia das práticas esportivas e de lazer, como também deixa muitos orientandos, orientandas, amigos, amigas e fãs!

O Flamengo perdeu sua mais incansável e apaixonada torcedora.

Querida professora, que os bons ventos que te trouxeram agora te levem, em paz, de volta para casa. Agradecemos e honramos seu trabalho, sua memória, sua presença e sua vida.

Intrépida, audaciosa e corajosa! Esta foi Simoni Lahud Guedes.

REFERÊNCIAS

DUNNING, Eric. O esporte como um domínio masculino: observações sobre as fontes sociais da identidade masculina e suas transformações. *In*: DUNNING, E. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. *In*: DAMATTA, R (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de corpo: um estudo de construção social dos trabalhadores**. Niterói: EDUFF, 1997.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. ARCHETTI, Eduardo. Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina. **Mana**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 175-178, Abr. 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104931320000001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 dez. 2019.

GUEDES, Simoni Lahud. Lógicas da emoção: Luiz Henrique de TOLEDO. Lógicas no futebol. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.51, p.179-183, 2003. Disponível

em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102690920030001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 dez. 2019.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. *In*: GASTALDO, E.; GUEDES, S.L. (org.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006a.

GUEDES, Simoni Lahud. Os ‘europeus’ do futebol brasileiro ou como a ‘pátria de chuteiras’ enfrenta a ameaça do mercado. *In*: GASTALDO, E.; GUEDES, S. L. (org.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006b.

GUEDES, Simoni Lahud. DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 303-307, jul./dez. 2008.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. *In*: DEL PRIORI, M.; MELO, V. A. (org.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Simoni Lahud Guedes: Notas sobre a “Matriarca” da antropologia dos esportes no Brasil – Leonardo Turchi Pacheco; Mariane da Silva Pisani –p. 11-25

GUEDES, Simoni Lahud. El Brasil reinventado: Notas sobre las manifestaciones durante la Copa de las Confederaciones. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 248, p. 89-100, nov./dez. 2013. Disponível em: www.nuso.org. Acesso em: 31 dez. 2019.

GUEDES, Simoni Lahud; DA SILVA, Edison Márcio de Almeida. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, Buenos Aires, n.3, p.73-89, 2019. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9691/pr.9691.pdf. Acesso em: 31 dez. 2019.

GUEDES, Simoni Lahud. Abrindo espaços com unhas e dentes: a luta das mulheres brasileiras para penetrar nos espaços do futebol. In: KESSLER, Claudia; PISANI, Mariane da Silva; COSTA, Leda Maria. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. No prelo.

ROJO, Luiz Fernando. Simoni Guedes: uma trajetória na Antropologia dos Esportes. **Antro política: Revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, Niterói, n. 46, p. 272-289, 2019.

Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020
--